

USO POPULAR DE PLANTAS COM FINS MEDICINAIS NO ARQUIPÉLAGO DO COMBU

Francisco Elivelton Ferreira de Andrade¹; Yuji Magalhães Ikuta²; Rosangela Camila Maciel Maia³; Vitoria Araújo Arroyo⁴; Beatriz Araujo Arroyo⁵

¹Graduando, Universidade Federal do Pará (UFPA);

²Doutorado, UFPA;

³Graduando, UFPA;

⁴Graduando, Centro Universitário do Pará (CESUPA);

⁵Graduação, Universidade do Estado do Pará (UEPA)

f_andrades@outlook.com

Introdução: A utilização de plantas com fins medicinais é uma prática comum na região Amazônica, que supera os olhares místicos e folclóricos e possui grande relevância no cuidado em saúde no âmbito da Atenção Primária à Saúde (APS)¹. As populações ribeirinhas estão entre os grupos em situação de maior vulnerabilidade em relação ao acesso ao nível primário de atenção em saúde, devido às peculiaridades e iniquidades presentes nestas comunidades². A utilização de plantas para fins medicinais, é amplamente difundida em comunidades ribeirinhas, e na maioria dos casos, a escolha de uma terapia baseada em plantas medicinais é sempre sem orientação médica³. Os moradores do Arquipélago do Combu mantêm práticas advindas de tradições culturais em relação aos seus cuidados em saúde, que resultam em terapias alternativas nas quais os principais medicamentos são oriundos de plantas medicinais, muitas vezes utilizados sem orientação de um profissional de saúde. **Objetivos:** O objetivo desta experiência foi abordar a população do Arquipélago do Combu em relação ao uso de plantas com fins medicinais, a partir de ações de promoção à saúde que incentivam a participação comunitária, além de possibilitar a docentes e discentes a compreensão da diversidade de situações e representações acerca do processo saúde-doença e o reconhecimento da determinação social e sua relação com os cenários individuais e singulares, em seus condicionantes sociais, culturais, econômicos. **Descrição da Experiência:** Foram realizadas atividades escolares e visitas domiciliares a famílias residentes nas ilhas do Combu e Murucutu, área coberta pela Unidade Básica de Saúde (UBS) do Combu, situadas na região do entorno da cidade de Belém do Pará. As atividades em domicílio tiveram o intuito de, por meio de conversas individuais e rodas de conversa com cada família, realizar atividades de educação popular em saúde direcionadas ao uso racional de plantas com fins medicinais e promover a escuta das necessidades do acesso em saúde nessa população. Na escola Milton Monte, que abrange crianças do arquipélago, foram desenvolvidas atividades lúdicas, como jogos educativos, exibição de vídeos e teatro de fantoches, envolvendo o uso de plantas com fins medicinais, riscos da automedicação, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, cuidados com água e alimentos e qualidade de vida. Ali, foi realizada, ainda, a horticultura de algumas das plantas mais utilizadas pela comunidade. **Resultados:** Observamos uma população de baixo nível socioeconômico e escolaridade, com certa limitação de acesso a zona urbana. O trabalho rural surge como ocupação de maior proporção caracterizando o perfil da população local. Foram realizadas 92 visitas domiciliares a famílias residentes no arquipélago do Combu. Ao decorrer das atividades, pode-se notar a dificuldade do acesso ao atendimento em saúde e, conseqüentemente, a ausência de instalação de programas de saúde, pela UBS Combu, para prevenir e promover a saúde da comunidade ribeirinha. A maioria das pessoas utilizava plantas com fins medicinais não só por tradição, mas também em função de dificuldades financeiras para adquirir medicamentos alopáticos e ainda pela falta de acesso aos medicamentos ditos essenciais

na UBS Combu. O uso de plantas com fins medicinais era maior entre indivíduos com faixa etária maior que 40 anos. As plantas mais utilizadas por essas pessoas eram a “Verônica”, “Marupazinho”, “Hortelã grosso e Hortelãzinho”, “Açaí”, “Copaíba”, “Andiroba”, “Folha de goiabeira”, “Boldo”, “Cidreira”, “Gengibre”, com a finalidade de curar ou aliviar sintomas de problemas como dores abdominais, sangramentos, dores de garganta, resfriados e gripes, infecções, feridas, ansiedade, insônia, entre outros. Os participantes puderam esclarecer dúvidas sobre o assunto, além de compartilharem histórias sobre o uso de plantas com fins medicinais e saber popular. Algumas pessoas justificaram a preferência com argumentos de origem na própria cultura popular ou induzidos por informações do tipo “planta medicinal não contém química” ou “não tem contraindicação” ou ainda “não faz mal”. Na atividade na escola, foram alcançadas 47 crianças, além da equipe pedagógica da mesma, e foram desenvolvidas, com a orientação dos professores e da equipe técnica do projeto, e o auxílio de moradores e líderes comunitários o plantio de “Boldo”; “Verônica”; “Arruda”; “Hortelã Grosso”; “Hortelãzinho” e “Capim-Santo”, que deverá ser observado e cuidado por todos os envolvidos, durante o restante da execução deste projeto. **Conclusão ou Considerações Finais:** Embora não seja possível modificar características inerentes a pessoa, como gênero, idade e crenças, é possível direcionar uma série de ações preventivas quanto ao uso de medicamentos sem orientação de um profissional de saúde aos sujeitos com tais características. Além disto, ao identificar a relação entre a automedicação com limitações de acesso ao município, evidencia-se a necessidade de aproximação do poder público por meio da disponibilidade de serviços de saúde que possam cumprir a necessidade da comunidade ribeirinha. A população das ilhas do Combu e Murucutu vive em situação de grande vulnerabilidade social, decorrente, dentre outros fatores, da baixa qualidade de assistência à saúde, o que resulta em práticas alternativas em saúde. Ressalta-se, portanto, a importância de políticas públicas de saúde inseridas em diversos contextos, voltadas às reais necessidades da população e que integrem o conhecimento científico e o saber popular, além de ampliarem a compreensão da magnitude e as tendências históricas dos fatores de morbidade e mortalidade nesses grupos.

Descritores: Plantas medicinais, Educação popular em Saúde, População ribeirinha.

Referências:

1. BATISTA, Leônia Maria; VALENÇA, Ana Maria Gondim. A fitoterapia no âmbito da atenção básica no SUS: realidades e perspectivas. *Pesqui. Bras. odontopediatria clín. integr*, v. 12, n. 2, p. 293-296, 2012.
2. PROSENEWICZ, I.; LIPPI U. G. Acesso aos Serviços de Saúde, Condições de Saúde e Exposição aos Fatores de Risco: percepção dos pescadores ribeirinhos do Rio Machado de JiParaná, RO. *Saúde e Sociedade, São Paulo*, v.21, n.1, p.219-31, 2012.
3. RODRIGUES, A. G.; DE SIMONI, C. Plantas medicinais no contexto de políticas públicas. *Informe Agropecuário, Belo Horizonte*, v. 31, n. 255, p. 7-12, mar./abr. 2010. Santos, F. M. R. Mesquita, T. L. G. Lemos, F. J. Q. Monte, R. Braz-Filho, H. *Química Nova*, v. 31, n. 3, 2008.